



Altamiro da Costa Pereira

Apaixonado pela Arte, poderia ter sido arquiteto, mas uma moeda ditou que o seu destino fosse a Medicina, acabando a sua Licenciatura na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, em 1983. Não se considera um médico ortodoxo e, apesar de ter sido interno de Pediatria, optou pelo caminho menos usual: docente de Biomatemática. Estudou em Universidades de diversos países como a de Johns Hopkins nos Estados Unidos, McGill no Canadá, Aarhus na Dinamarca, Nijmegen na Holanda, Lausanne na Suíça e Dundee na Escócia. Começou a ensinar Higiene e Epidemiologia, na FMUP, em 1985, e integrou, como investigador, o IPATIMUP, entre 1993 e 1996. Sempre insatisfeito, criou o CINTESIS, em 2003-04. Participou em numerosos projetos de investigação, nacionais e internacionais, nos campos da Epidemiologia, Informática Médica e investigação clínica, tendo publicado mais de 300 artigos científicos, dos quais mais de 200 indexados na ISI.

Em 2018, abraçou um novo desafio: ser o diretor da FMUP.

1ª Parte- Escolhas de Vida e Investigação

Sempre sonhou ser médico?

Eu sempre tive muitas dúvidas quanto à profissão a seguir. Eu não sou um médico praticante, nem um médico ortodoxo, nem sequer uma pessoa ortodoxa. Em miúdo, a primeira profissão que desejei ter, tinha talvez uns sete ou oito anos, foi a de arqueólogo. Depois, percebi que o meu pai, não sendo um lorde britânico, não teria capacidades financeiras para sustentar essa minha ideia de me tornar um arqueólogo e, por isso, acabei por desistir dela por não imaginar um mecenas capaz de financiar os meus sonhos. Depois, pensei em muitas outras profissões que pudesse eventualmente vir a ter, porque a minha principal ideia era, essencialmente, ter uma vida útil, mas feliz e com liberdade. Também *nunca tive uma vocação clara desde miúdo*, não apenas em relação à Medicina, mas a qualquer outra profissão. Realizei até testes psicotécnicos, por volta dos 17 anos e acalentado pelos meus pais que me viam tão inseguro, e a primeira recomendação que deram foi seguir jornalismo! Seguido de todo o tipo de outras profissões bastantes díspares, incluindo a de médico, arquiteto, engenheiro ou advogado. O meu problema é que tinha e tenho curiosidade e interesses intelectuais que abrangem praticamente todas as áreas do saber. De qualquer modo, quando tive mesmo que decidir, à entrada da universidade, estava indeciso apenas entre duas áreas: a da Medicina e a da Arquitetura. Para decidir, atirei uma moeda ao ar e, dando caras, inscrevi-me em Medicina. Mas nunca me arrependi deste resultado fruto do acaso, pois com a Medicina poderia não só vir a ser útil (como pretendia desde miúdo) como poderia ainda escolher muitas especialidades e saídas profissionais diferentes, incluindo até a hipótese de não vir a exercer Medicina... Ou seja, a Medicina, sendo um curso ao mesmo tempo científico e humanista, é um curso que nos leva a conhecer bem o ser humano – seja o funcionamento interno dos seus órgãos seja o seu comportamento mais externo, em sociedade – e isso, por si só, dá um conhecimento teórico e prático grande sobre a Humanidade que poderá ser usado em múltiplos contextos profissionais.

O que mudou no ensino de Medicina desde a altura em que estudou até agora?

Em bom rigor, tenho muitas dificuldades em responder a esta questão. Eu costumo dizer que *as únicas pessoas que conhecem verdadeiramente bem o curso de Medicina são os próprios estudantes de Medicina!* Embora agora haja também pelo menos uma outra pessoa que o conhece bem: a professora Dulce Madeira, a atual diretora do Curso. Mas durante muitos anos não terá havido muitos outros professores que o conhecessem tão bem.

Na verdade, depois de fazerem o vosso curso, vocês sabem tudo sobre ele porque o experienciaram, conheceram certamente a maioria dos seus principais professores, conheceram todas as unidades curriculares do seu plano de estudos e por isso conhecem o curso melhor que ninguém. Ora, já com a maioria dos vossos professores não é tanto assim. Tipicamente, conhecem bem apenas a sua própria disciplina ou unidade curricular. Portanto, eu poderia dizer-lhes, com todo o rigor, o que foi mudando na disciplina em que fui regente durante quase 25 anos, e que antes de 1994/95 até nem existia, a Introdução à Medicina que agora está transformada em duas semestrais: a Bioestatística, Informação e Decisão em Saúde (BIDS I) e a Introdução à Investigação em Saúde (IIS).

Contudo, relativamente ao curso como um todo, eu não conheço suficientemente a forma como ele foi mudando ao longo destes últimos 40 anos. Pode parecer absurdo dizê-lo, mas acho que *a grande maioria dos colegas docentes* da minha geração – a não ser talvez aqueles que tenham tido filhos a frequentarem o curso de Medicina da nossa Faculdade – *pouco mais conhecerão do que a unidade curricular em que dão aulas*, e talvez algumas outras poucas disciplinas como as da responsabilidade do seu próprio departamento. Mas, infelizmente, não têm uma visão global e/ou integrada do Curso. Obviamente, quem, neste momento, tem essa visão global é a diretora do MMED, certamente seguida pela sua equipa, pelo conselho pedagógico e ainda por algumas pessoas – por exemplo os elementos que participaram na antiga comissão da reforma curricular – que vão refletindo, do ponto de vista pedagógico, sobre o curso. E, mesmo assim, confesso que ainda hoje me restam algumas dúvidas sobre esse seu conhecimento global, porque se tivessem refletido mais profunda e adequadamente, teria havido certamente mais contenção nalgumas mudanças propostas e, muito provavelmente, a Reforma Curricular concebida e implementada teria tido um maior sucesso, não necessitando agora de ser revista, na sequência de toda uma série de audições e avaliações recentemente realizadas junto dos estudantes e docentes da FMUP.

“Os nossos atuais estudantes estão a ser hoje mais bem preparados, e sensibilizados, para se tornarem lifelong learners, ficando assim mais autónomos e mais críticos ao mundo que os rodeia.”

De qualquer modo, atrever-me-ia a dizer que os nossos atuais estudantes estão a ser hoje mais bem preparados, e sensibilizados, para se tornarem *lifelong learners*, ficando assim mais autónomos e mais críticos ao mundo que os rodeia. Ou seja, acho que os nossos atuais estudantes estarão a ser, em média, mais bem preparados que os da minha geração para melhor responderem, técnica e intelectualmente, aos desafios que irão enfrentar.

Por outro lado, acho que lhes poderá estar a faltar um maior contacto humano com os seus docentes, sobretudo com os mais velhos, que lhes poderiam vir a transmitir algo que não é fácil apreenderem em manuais, livros ou mesmo nas plataformas digitais da internet: *o exemplo de curiosidade e humildade e perante o desconhecido e de empatia perante os doentes que só os melhores e mais experientes professores lhes conseguirão transmitir*, sobretudo através do seu exemplo diferenciado,

pessoal e profissionalmente. De facto, não raras vezes eu tive esse privilégio, no meu tempo de estudante, e guardo, ainda hoje, muitos ensinamentos e recordações de alguns dos meus melhores mestres que me têm sido cruciais para o que me fui tornando, ao longo da minha vida.

Quais é que considera serem as mais-valias de ter estudado em universidades no estrangeiro?

Acho que viajar, ir para fora, conhecer novas realidades, é sempre algo muito enriquecedor, mesmo que, por vezes, igualmente inquietante ou mesmo perturbador porque nos removem da nossa zona de conforto ou das nossas pseudo certezas!

No meu caso, procurei sempre ir para sítios onde, reputadamente, o ensino e a ciência eram melhores do que em Portugal. Estive nos EUA, no Canadá, na Dinamarca ou no Reino Unido e sempre procurei, nestes países, frequentar universidades que fossem consideradas as melhores, sobretudo nas áreas disciplinares que eu estava a tentar aprofundar como o foram as da Epidemiologia, da Saúde Pública, da Bioestatística ou dos métodos de Investigação Clínica, mais especificamente. Portanto, todas essas viagens, cursos ou estágios foram sempre extremamente inspiradoras para mim e, certamente, não teria hoje a mesma capacidade intelectual, postura pessoal ou visão estratégica, se tivesse permanecido sempre no Porto. Eu costumo até dizer que, na minha juventude, “fiz tudo que pude para sair do Porto de modo a que um dia eu pudesse voltar ao Porto”! Para poder continuar a ser portuense, talvez até mais do que nunca, mas um portuense muito mais cosmopolita. Um que pudesse discutir, de igual para igual, assuntos da minha profissão com qualquer colega estrangeiro e não me envergonhasse da minha ingenuidade ou paroquialismo. Na verdade, um portuense que não saia durante uns bons tempos (e eu permaneci, ao todo, mais de cinco anos fora do Porto) da sua pequena cidade, ou mesmo aldeia como muitos portuenses carinhosamente lhe chamam, terá muitas dificuldades em tornar-se num verdadeiro portuense ou, pelo menos, num que possa compreender e defender bem a grande *naçom* onde nasceu e cresceu !

Qual foi a motivação para criar o CINTESIS e qual o principal trabalho a ser desenvolvido?

A principal razão que me levou a criar o CINTESIS (Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde) foi o facto de não me sentir bem integrado em nenhuma outra unidade de investigação já existente. Por isso, tinha de criar o meu próprio “clube de investigação”. As unidades de I&D já existentes ou já não me aceitavam ou não se interessavam por cobrir as áreas científicas que eu estava a procurar desenvolver.

Inicialmente, logo que regresssei do meu doutoramento no Reino Unido, fui convidado a integrar o IPATIMUP e, durante alguns anos, acompanhei até, de perto e com entusiasmo, a fundação e o início das atividades deste instituto, agora integrado no I3S. Na verdade, a primeira unidade de investigação onde trabalhei como investigador, na área da Epidemiologia do Cancro, foi no IPATIMUP até ele passar

a ter instalações próprias e fora da cerca da Faculdade de Medicina / Hospital de S. João. Contudo, ao me ter sido oferecido um gabinete, conjuntamente com um espaço de laboratório, pelo Professor Sobrinho Simões, no então recém-construído edifício do IPATIMUP, acabei por não poder aceitar.

De facto, foi por essa altura que acabei também por sair do IPATIMUP. Fundamentalmente, porque achei que o meu lugar (entendido como o sítio onde me deveria “sentar” ou “estar”) devia ser antes na Faculdade de Medicina!

E não era apenas por a FMUP ser a entidade que me pagava, mensalmente, o meu salário. Mas também porque era preciso, e urgentemente, implementar toda uma série de infraestruturas que, nessa ocasião, não existiam na FMUP. E, sobretudo por uma questão de lealdade institucional, eu teria de o tentar fazer e, para isso, não poderia deixar de lá “viver”!

Embora, deva também confessar que, por essa altura, as perspetivas parecessem bem mais promissoras no IPATIMUP do que na Faculdade, até porque os financiamentos oriundos da União Europeia para o desenvolvimento de infraestruturas de investigação eram canalizados pelo governo (e ainda hoje a maioria das vezes o continuam a ser) para os institutos ou laboratórios associados, em detrimento das Faculdades e/ou da Academia!

Para além disso, o IPATIMUP era uma unidade muito prestigiada nas áreas da Patologia e da Biologia Molecular do cancro que não são, de todo, áreas em que o CINTESIS tenha vindo a tentar desenvolver. Na verdade, quando ajudei a criar o CINTESIS – acompanhado de meia dúzia de outros colegas e colaboradores da FMUP – não havia nenhuma outra unidade no País que integrasse, no mesmo conceito, pessoas ligadas à Investigação Clínica, Estatística e Informática Médica e isso era também o que sempre tinha tentado cultivar no meu próprio departamento. Acresce que, eu e os meus colaboradores não nos podíamos candidatar a projetos de investigação, financiados pela FCT, se não pertencêssemos a alguma unidade de I&D. Por isso, tive de tentar criar o CINTESIS, inicialmente como um meio de alavancagem da investigação do departamento que então dirigia na Faculdade (isto é, o Serviço de Bioestatística e Informática Médica).

“Não havia nenhuma outra unidade no País que integrasse, no mesmo conceito, pessoas ligadas à Investigação Clínica, Estatística e Informática Médica.”

Mas, desde aí, o CINTESIS não só sofreu diversas vicissitudes como também obteve bastantes sucessos, estendendo-se hoje muito para além do departamento, da Faculdade e até da própria Universidade do Porto. De facto, foi desenvolvendo protocolos e sinergias com muitas outras entidades, públicas e privadas, desde empresas a entidades prestadoras de cuidados de saúde, mas sempre mantendo forte o seu elo original à sua casa mãe, a Faculdade de Medicina do Porto.

Quanto às vicissitudes, por exemplo, nas primeiras avaliações não fomos muito bem recebidos, sobretudo por avaliadores portugueses. De facto, fiquei algumas vezes com a sensação de que queriam

até extinguir o CINTESIS, mas os avaliadores estrangeiros deram-nos, no geral, sempre boas avaliações e isso acabou por não vir a acontecer!

Quanto aos sucessos, com o passar do tempo, *a Unidade foi crescendo, passando de menos de uma dúzia de investigadores para atualmente ter mais de 200 investigadores doutorados integrados ou mais de 500, se nos investigadores incluirmos também estudantes de mestrado ou de doutoramento*, ou seja, colaboradores ainda não doutorados.

De facto, o CINTESIS tornou-se também uma unidade bem-sucedida cientificamente, tendo produzido, nos últimos 3 anos, mais de 900 artigos científicos indexados dos quais quase 70% em revistas do 1º ou 2º quartis. A Unidade é ainda sustentável do ponto de vista financeiro, tendo um orçamento anual médio, apenas para atividades de investigação, que ultrapassa já os 2 milhões de Euros (excluindo os salários dos seus investigadores que na sua larga maioria continuam a estar integrados na academia ou em unidades de saúde e prestam deste modo igualmente atividades de ensino e assistenciais). Mas se incluirmos a parte dos seus salários potencialmente dedicada a atividades de investigação, à data, o CINTESIS apresenta um *turnover* anual total de cerca de 6 milhões de Euros. Acresce que o custo médio de obtenção de uma citação científica nas suas publicações indexadas (como indicador do seu impacto na comunidade científica global), face ao total do investimento realizado pelos contribuintes portugueses e/ou estrangeiros, é substancialmente menor que o de outras unidades congéneres. Para além de outros evidentes impactos sociais e mediáticos. Tudo isto considerado, torna o CINTESIS numa das unidades de I&D mais eficientes do País apesar, ou talvez por isso mesmo, do seu modelo organizativo pouco ortodoxo!

“Outra característica única que o CINTESIS tem é uma presença muito forte e simultânea de investigadores oriundos das áreas da Enfermagem, Psicologia, Matemática, Ciências de Computadores, Medicina Geral e Familiar, em paralelo com muitos outros tipos de cientistas e de profissionais de saúde.”

Tipicamente, disciplinas e/ou investigadores onde, na área da Saúde, a investigação tem estado menos desenvolvida e/ou menos apoiada, financeiramente, pelas entidades financiadoras tradicionais.

Na verdade, o CINTESIS tem tanto investigadores seniores e excelentes como outros que são bastante jovens ou estão ainda em fase de aprendizagem / formação. Aliás, como coordenador, fui, em quase todas as avaliações, pressionado até por vários avaliadores a conservar na Unidade apenas a nata dos investigadores do CINTESIS e a tentar, de forma ativa e estratégica, “ver-me livre” dos outros, ou seja, daqueles menos produtivos cientificamente.

Mas eu sempre resisti a essas recomendações pois achei (e acho) que manter uma heterogeneidade na qualidade dos investigadores – mesmo sendo isso um caminho mais longo e difícil – acabará também por ser um caminho mais seguro e mesmo mais eficiente. Na verdade, embora mais longo e difícil, esse caminho acabará por levar as boas práticas de investigação bem como a motivação e o desejo de investigar a um maior número de profissionais de saúde, e isso só poderão ser boas notícias

para o país, mesmo se apenas a longo prazo. Mas que seriam dos “descobrimientos” portugueses se eles não tivessem sido planeados desde D. Dinis a D. João II? Mas consegue-se algo de duradouro, em pouco tempo? Pessoalmente, acredito pouco em acelerações inconsistentes...

Acresce que, esta estratégia de diversidade e heterogeneidade de investigadores, promove também muito mais a multidisciplinaridade em futuros projetos de investigação, uma melhor investigação de translação a médio-longo prazo e, sobretudo, uma melhor articulação entre investigadores mais fundamentais e os profissionais de unidades de prestação de cuidados de saúde.

Ora este tipo de estratégia conceptual não existe na maioria das unidades de I&D mais tradicionais, que só desejam ter investigadores que consigam publicar na *Nature* ou na *Science*. Mas, se este é um desiderato muito nobre e saudavelmente ambicioso, convirá também não se esquecer que, por vezes, são aqueles aparentemente menos versados em questões de investigação, mas que estão no terreno, que poderão vir a fazer a diferença, realizando a verdadeira translação da investigação mais básica em contextos clínicos. Portanto, acredito que dentro de 10 anos (ou talvez menos), o conceito ainda hoje inovador do CINTESIS poderá vir a fazer a diferença, envolvendo cientistas, médicos e os outros profissionais de saúde, promovendo deste modo uma verdadeira e mais eficiente investigação interdisciplinar e translacional.

2ª Parte: Direção da FMUP

O que o motivou para ser diretor?

Com toda a sinceridade, nesta altura já da minha vida, eu nem estava a pensar concorrer a diretor da FMUP. Embora tivesse já concorrido à direção da Faculdade por duas vezes (em 2006 e em 2014), não era para ter concorrido desta vez, por questões pessoais, académicas e familiares relevantes. Na verdade, tentei convencer vários colegas que tivessem uma visão de política universitária semelhante à minha, e em quem eu confiasse para a virem a implementar. Mas não foi possível, e no final de uns meses, ou eu avançava ou não haveria um candidato de oposição.

Aliás, já nas eleições para Reitor da UP, em 2002, a situação de me sentir compelido a avançar não foi diferente. De facto, quando nessa ocasião concorri, foi porque achei que era uma altura muito importante para a Universidade do Porto e, muito particularmente, para a Faculdade de Medicina, porque sabia que o governo iria investir numa série de novos edifícios para as Ciências de Saúde (e.g. CIM/FMUP, ICBAS, Farmácia, FCNAUP, etc.) e era, assim, uma altura em que se poderiam fazer, com mais facilidade, as importantes mudanças estruturais que – já nessa altura e na minha opinião – se impunham à própria Universidade do Porto. Por exemplo, a reestruturação da área das Ciências da Vida e da Saúde, aproveitando para se fazer algumas importantes fusões entre escolas complementares ou mesmo congêneres que poderiam tornar mais eficiente o ensino e a investigação nestas áreas.

Mas, uma vez mais, não havia ninguém que estivesse ou se mostrasse disponível na FMUP. Ninguém que se quisesse voluntariar para tal missão, embora eu tivesse sondado vários colegas mais velhos, mais experientes e com bem mais prestígio que eu na Universidade do Porto. Teria de ser obrigatoriamente um professor catedrático – e eu até era o mais novo nessa categoria –, mas não fui de todo bem-sucedido em encontrar um candidato oriundo da FMUP.

E, porque não tinha outra alternativa, acabei por decidir concorrer eu próprio pois, sempre que concorri a algum cargo universitário, fi-lo também por pretender fazer alterações nas políticas ou nas estruturas universitárias. Sabem, como já vos disse logo no início desta entrevista, eu sou razoavelmente heterodoxo e, sobretudo, *gosto de induzir mudanças que considere necessárias!*

Ou seja, eu nunca desejei as direções da Faculdade ou da reitoria por si próprias (isto é, pelo eventual prestígio do cargo ou por um qualquer desejo de protagonismo pessoal), mas antes para tentar implementar reformas e novas políticas institucionais. E, quando não há mais ninguém que se queira “chegar à frente” ou “dar a cara” a esses projetos inovadores e até por vezes controversos, deverá então ser o próprio – que defende, com convicção, essas mudanças – a tentar fazê-lo, sob pena de inconsistência, preguiça ou cobardia.

Na verdade, desde que fui eleito diretor da FMUP, acho que muitas coisas, politicamente, têm vindo já a mudar na FMUP. A começar no posicionamento da Faculdade perante a Reitoria que espero que

passa a ser mais crítico e interventivo, embora sempre pela positiva. Por exemplo, na abertura das necessárias vagas de promoção ou rejuvenescimento do corpo docente da Faculdade ou na recuperação do seu controlo em assuntos cruciais como os recursos humanos ou financeiros, ou mesmo na criação de um novo laboratório associado na área da saúde na UP, envolvendo unidades de I&D como a Unidade de Investigação Cardiovascular (UnIC), o CINTESIS, o ISPUP e outras do universo UP. Outro posicionamento da Faculdade que importará igualmente mudar é perante o Centro Hospitalar Universitário de S. João (CHUSJ). Por exemplo, estreitando estratégias de desenvolvimento conjunto, como a promissora criação do Centro Académico Clínico do Porto – CAC Porto. Acho que também se tem vindo a mudar a postura profissional de muitos técnicos e docentes dentro da própria Faculdade, existindo hoje – ou pelo menos é nisso que acredito – uma maior comunicação, transparência e um maior envolvimento de todos, na análise das situações e dos problemas que são comuns à nossa comunidade da FMUP.

Tendo em conta a sua experiência como diretor da FMUP, como se gere uma faculdade como a FMUP?

Há cerca de 20 anos, já fui vice-diretor da Faculdade, tendo como diretor o Professor José Amarante, tenho estado ainda há mais anos no Conselho Científico e passado também alguns anos pelo Conselho de Representantes, mas posso dizer-vos que, quando cheguei agora a diretor já não conhecia muito bem a Faculdade. De facto, eu conhecia-a bem há 20 anos, mas não a conhecia mais, porque saí já há uns largos anos dos corredores do edifício partilhado com o Hospital de S. João – quando o meu antigo serviço (o SBIM) foi para o CIM – e, desde então, dediquei-me mais ao desenvolvimento do MEDCIDS e do CINTESIS.

Na verdade, quando tomei posse em novembro de 2018, como diretor, a Faculdade, apesar da sua dimensão e complexidade, não tinha um engenheiro que cuidasse dos edifícios ou das manutenções, não tinha um arquivista, não tinha um gestor. Mas encontrei pessoas licenciadas em Bioquímica a abrir portas e outras a fazer marcação de salas. Portanto, pelo menos para mim que acabava de chegar, a FMUP era uma entidade bastante desorganizada, para não dizer quase caótica. Como exemplo, posso-vos dizer que encontrei no departamento do diretor, ou seja, no departamento não académico, quase noventa técnicos, extremamente dispersos, funcional e geograficamente. E como gerir uma faculdade ou qualquer outra organização é sobretudo gerir pessoas – de modo a que elas se sintam bem e possam ser produtivas e eficientes –, a situação com que me deparei inicialmente era um pouco assustadora. Neste momento, embora ainda haja muito a fazer em termos de reorganização dos departamentos e de requalificações de espaços – sobretudo no edifício que partilhamos com o CHUSJ –, espero poder ainda vir a mudar muitas coisas até ao final deste meu mandato, entregando assim, a quem me vier a suceder, uma Faculdade sólida e capaz de se desenvolver (quase) por ela própria e não uma instituição desanimada ou (quase) em decadência.

Ou seja, no meu caso, gerir a FMUP é, pelo menos de momento, gerir desde o infinitamente pequeno (e.g. querelas pessoais desnecessárias e injustificadas) até ao infinitamente grande (e.g. a renovação dos quadros da Faculdade ou a requalificação e/ou a expansão dos espaços físicos e dos equipamentos, que poderão vir a custar mais que todo o atual orçamento anual da FMUP). E tentar também conseguir encontrar os meios humanos e financeiros necessários para os objetivos mais ambiciosos!

Por outro lado, nas últimas décadas, assistiu-se a uma grande concentração de poder, na figura do diretor e passo ainda muito do meu tempo a dizer “Isto não é bem comigo... Por favor fale antes com fulana ou beltrano que poderão tratar melhor deste assunto que o diretor”. Realmente, tudo estava demasiadamente concentrado na figura do diretor, em vez de estar descentralizado e articulado, como tenho tentado agora fazer. Embora, tenho também de o reconhecer ainda esteja um pouco longe de o ter já conseguido. Mas torna-se cada vez mais óbvio que uma organização com o tamanho atual da Faculdade não pode continuar a ser gerida por (quase) uma só pessoa (como o Secretário da FMUP ou o Diretor), como o foi até há bem pouco tempo. Hoje, não só isso é um absurdo como uma completa impossibilidade!

Mas alguém achará que a Câmara do Porto é gerida apenas pelo esclarecido Dr. Rui Moreira? Ou Nova Iorque é apenas gerida pelo seu dedicado Governador? O que os verdadeiros líderes têm de fazer é garantir uma boa, justa e eficiente organização, garantindo que a informação relevante e as principais decisões passem por áreas técnicas ou académicas específicas e por pessoas experientes, sabedoras e que sejam da sua confiança.

Portanto, isso é o que eu mais tenho tentado fazer e tem sido, confesso-vos, uma tarefa bastante difícil e árdua. Por isso é que, e apenas dando por exemplo o MMED, eu não tomo, na prática, qualquer decisão, nem sequer ando a ver o que é que a Professora Dulce Madeira faz ou deixa de fazer no Mestrado Integrado em Medicina da FMUP. Ou seja, a Professora Dulce Madeira, em conjunto com a sua comissão científica do MMED, é quem toma 95% das decisões pois, no seu dia-a-dia, está 100% dedicada a acompanhar os problemas que lhe vão surgindo. A começar até pelo cálculo das necessidades contratuais dos docentes necessários, em articulação com os regentes das unidades curriculares, com os diretores de departamento e o subdiretor da Faculdade.

Estou também a tentar que dos departamentos académicos às unidades curriculares, dos cursos às unidades de investigação ou às unidades de recursos do departamento não académico, tudo venha a ser gerido de igual modo, com grande autonomia e grande responsabilidade.

Na verdade, a principal tarefa do diretor da Faculdade poderá, em breve, vir a ser a coordenação das áreas de recursos humanos e financeiros da FMUP, para além, obviamente da definição e implementação da sua visão estratégica para a instituição, ouvida a comunidade da FMUP. Ou seja, espero rapidamente delegar a maioria dos pelouros ou unidades do planeado Departamento de Recursos Centrais da Faculdade para os vogais e subdiretor do Conselho Executivo.

Por exemplo, imaginemos a Unidade de Comunicação e Imagem da FMUP. Espero, e tem vindo a acontecer cada vez mais isso, que a Doutora Olga Magalhães tome conta de mais de 90% desse tipo de questões. Outro exemplo: cada uma das duas unidades de investigação acolhidas na Faculdade (ou seja, CINTESIS e UnIC) deverão passar a colaborar mais eficientemente, com as novas estruturas de investigação e inovação que estão também a ser planeadas na própria Faculdade, sob a coordenação do Doutor António Soares. É que não faz qualquer sentido, económico ou mesmo científico, criar-se uma terceira estrutura para dar apoio a docentes e investigadores da FMUP, ou mesmo do CAC do Porto. Mas sim tentar-se que a atual estrutura de investigação da UnIC se junte à do CINTESIS ou mesmo à do CHUSJ e todas, em conjunto, interajam e se articulem entre si, de modo a prestarem serviços a todos os investigadores da Faculdade e/ou do hospital, inscritos nestas unidades. Já os outros investigadores, poderão continuar a fazê-lo junto das suas próprias unidades, como o I3S ou o ISPUP.

Ou seja, este tipo de abordagens integrativas e que promovam uma maior eficiência de recursos técnicos e humanos terá de vir a acontecer em muitas outras áreas, de modo a conseguir-se mais resultados com menos recursos, algo a que nos teremos cada vez mais de nos habituar, sobretudo nesta fase pós-pandémica.

Dito por outras palavras: o que é que faz ou deveria fazer um diretor de uma Faculdade como a FMUP?

“O diretor deveria (...) tomar decisões de fundo e deveria dar orientações estratégicas, de maneira a conseguir concretizar os objetivos por ele definidos, no âmbito da sua política institucional.”

O diretor deveria e tem de ser a pessoa que, ouvindo os órgãos colegiais de gestão da Faculdade (isto é, os Conselhos Científico e Pedagógico, para além do seu próprio Conselho Executivo), ouvindo os diretores de Departamento, ouvindo os docentes, os técnicos, os estudantes, ou seja todas pessoas da comunidade FMUP, deveria tomar decisões de fundo e deveria dar orientações estratégicas, de maneira a conseguir concretizar os objetivos por ele definidos, no âmbito da sua política institucional.

E, politicamente, eu quero reorganizar a Faculdade, pois acho que ainda não está suficientemente organizada, ainda há coisas que não fazem para mim um grande sentido. Por exemplo, no edifício do CIM, no edifício poente, digamos no dos laboratórios húmidos, onde está o atual departamento de Biomedicina, para mim não faz sentido que a Fisiologia não faça parte desse departamento, embora continue a partilhar atualmente esse espaço e sempre tenha estado no mesmo grupo científico de muitas outras unidades que também aí estão alojadas. Na verdade, pelo menos para mim e certamente para a maioria dos docentes da FMUP, a Fisiologia é, fundamentalmente, uma disciplina ou unidade curricular dos três anos mais básicos do MMED e deveria estar, funcional e operacionalmente, integrada no Departamento de Biomedicina. Portanto, para mim, não faz sentido que ela esteja atualmente integrada no departamento de Cirurgia, que é algo completamente diferente, de natureza clínica e com um forte componente assistencial e hospitalar. Digamos, poderá muito bem haver

cirurgiões que também possam ser fisiologistas, como poderá haver médicos de muitas outras especialidades que possam também participar no ensino e na investigação da Fisiologia, mas as necessidades laboratoriais ou científicas da Fisiologia ou da Cirurgia são diferentes, na FMUP e no resto do mundo. E, como tal, deverão ter espaços e estratégias de desenvolvimento e lideranças próprias. E há muitas outras áreas que terão igualmente de ser reorganizadas de forma mais adequada e institucional, e menos dependentes de personalidades ou de acidentes fortuitos, fruto de determinados momentos históricos ou de desenvolvimento da Faculdade, por mais meritórios que possam ter sido no passado. De facto, se uma instituição deverá ter memória e não esquecer a sua história, também não deverá permanecer acorrentada a ela, senão corre o risco de não estar preparada para estar na vanguarda do futuro!

De igual modo, neste preciso momento, *estou pessoalmente muito empenhado em “arrumar” o chamado departamento não-académico que se irá designar por Departamento de Recursos Centrais*. Com a ajuda dos seus inúmeros técnicos, estou a tentar reorganizá-lo, subdividi-lo, e estão em via de ser constituídas já perto de 20 “Unidades de Recursos”, tais como as de Recursos Humanos, Académicos, Animais, de Equipamentos e Instalações, Tecnológicos, Sociais, Comunicação e Imagem, Financeiros, Investigação e Inovação, entre muitas outras, cada uma delas com um técnico responsável, sob a alçada de um membro do Conselho Executivo. Na verdade, estando tudo isto melhor organizado, as pessoas passarão a saber quem são os responsáveis por uma dada área funcional da FMUP e que papel é que tem cada um dos(as) técnicos(as) que lá trabalham e que deverão ser capazes de dar resposta às necessidades de toda a Faculdade, a começar pelas dos seus departamentos académicos. Provavelmente, vocês na AEFMUP também têm algumas unidades funcionais, não estarão todos a fazer a mesma coisa ou todos num grande e informe magote!

Em suma, em primeiro lugar, acho que o primordial a fazer passa por “arrumar a casa”, diminuindo assim a ineficiência, o desperdício, a falta de iniciativa e a falta responsabilização individual e institucional de alguns dirigentes e dirigidos. Enquanto não o fizer não se conseguirá avançar com eficácia. Mas é também claro não pretendo esgotar a minha ambição nesse desiderato, pois tenho muitos mais objetivos que gostaria de ver igualmente concretizados. Por exemplo, tenho a ambição de requalificar toda a parte edificada da Faculdade, em condomínio com o CHUSJ, que não tem beneficiado de obras há já mais de sessenta anos. Por exemplo, quando o CIM foi construído, havia todo um plano, aprovado pela Reitoria da UP e até já com financiamento previsto, de requalificação dessas instalações iniciais da FMUP. Ou seja, nessa altura, estava tudo adequadamente pensado. Aliás, isso tinha sido planeado ainda enquanto fui vice-diretor da Faculdade. Contudo, como diria Camões, *mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*. Mudam-se os diretores e os reitores e quando as obras acabaram finalmente por serem iniciadas, realmente nada foi feito nas antigas instalações, pois só foram implementados os três edifícios do CIM, caindo no esquecimento todo o plano de recuperação dos espaços abandonados pelos departamentos que passaram para o CIM.

Ou seja, a prevista remodelação do velho edifício não foi feita aquando da construção das novas instalações da Faculdade. Nem dos espaços abandonados nem daqueles onde ainda hoje permanecem muitos dos serviços e laboratórios da Faculdade que, neste momento, estão francamente decrépitos, em clara decadência ou mesmo votados ao abandono, sem qualquer serventia, ao mesmo tempo que a FMUP tem enormes carências de espaços administrativos e pedagógicos. Bastará pensarmos na instalação dos tais noventa técnicos do departamento não académico que vos falava.

Portanto, eu queria não só requalificar todos estes espaços, como queria fazer muitas outras obras de requalificação para também poder servir os estudantes. Por exemplo, todo o piso 01 da AEFMUP, mais as áreas no 02 que pertenciam ao antigo SBIM, precisão também de ser remodelados e modernizados.



3ª Parte: FMUP – Comunidade Estudantil

Em relação aos estudantes o que é que pretende fazer ou mudar com a sua passagem pela direção?

Muitíssimas coisas. Haja saúde, tempo e algum dinheiro disponível!

Em primeiro lugar, quero dar o meu maior apoio político e institucional ao processo de avaliação e revisão da reforma curricular do MMED e à melhoria e atualização dos processos pedagógicos da Faculdade, designadamente através do projeto “FMUP Online”, que visa a digitalização e ensino à distância de uma parte significativa do ensino da Faculdade, para além de um reforço da sua área de simulação. De facto, esta modernização foi tornada ainda mais premente, considerando os efeitos no ensino (nomeadamente o clínico) da atual pandemia, continuando sem sabermos quando estará finalmente controlada. Ou seja, o meu maior empenho será na melhoria das condições pedagógicas e da qualidade do ensino da FMUP e, nesse sentido, foram já adquiridas plataformas como a AMBOSS, estando outras, neste momento, em fase de negociação para futura aquisição.

Mas também não deixarei de tirar os horrendos cacifos da entrada do 01! Ou seja, de começar a remodelação do 01 pela recuperação daquele espaço para o tornar num espaço útil e aprazível pois é um das duas entradas mais nobres da Faculdade. Complementarmente, queria também requalificar o jardim, sobretudo reenquadrar os lindíssimos e valiosos painéis de azulejos do Júlio Resende. Depois, ter-se-á de reorganizar todo aquele “mercado de Babel”, que mais parece uma Medina árabe, em Fez ou Marraquexe, sem qualquer desprimor para Marrocos que agora até estarão bem melhores que o nosso 01. Ou seja, tornar todos os espaços comerciais em algo mais “clean” e mais organizado, de modo que essa entrada possa recuperar a sua nobreza inicial, mas mantendo as suas funcionalidades mais atuais.

Também gostaria de fazer obras na própria direção da AEFMUP, pois aquilo também já começa a ficar um bocadinho, no mínimo, “démodé” e, no máximo, bastante caótico. Se possível, queria acrescentar alguns espaços contíguos do Hospital, de modo a poder aumentar um pouco os espaços disponíveis da AE.

Queria ainda remodelar toda a parte do piso 02, debaixo das atuais instalações da AEFMUP, o que vocês chamam o SBIM, porque queria que aquilo fosse um espaço totalmente requalificado para atividades lúdicas e culturais da AE. Enfim, de momento até me desgosta lá entrar, mas, se possível em articulação com o Hospital, gostaria até de abrir esse espaço para o pátio exterior, queria tornar tudo mais aberto e arejado, colocando lá muitas das atuais atividades da associação, incluindo um espaço para refeições pessoais / trazidas de casa. E, depois, quero ainda recuperar, para além dos anfiteatros e de todas as restantes partes pedagógicas, o antigamente lindíssimo Salão de Alunos, devolvendo-lhe a sua função inicial, como sala de convívio e de espetáculos.

Isso é o mínimo do que eu gostaria de fazer ainda durante este meu mandato, mas o Covid 19 veio possivelmente interferir com alguns destes planos, nomeadamente por causa da eventual crise financeira que poderá vir a provocar dificuldades também nas receitas próprias da FMUP.

Já agora, gostava ainda de intervir junto do novo edifício do CIM, onde está o REST CIM, nesse espaço arrelvado entre o edifício a poente dos 7 pisos e o central do bar, de maneira a torná-lo num espaço passível de ser usado em convívios, festas ou até em cocktails ao pôr do sol...!

Até porque acho sinceramente que é uma zona muito agradável e que deveria ser expandida. Não será expandir o “deck”, mas antes expandir o uso desse espaço até ao outro edifício. Dotá-lo de luzes, de mesas, enfim, obter um reaproveitamento daquele espaço que tem um ótimo enquadramento natural. E, já agora, gostaria que a relva se mantivesse sempre verdejante... através da instalação de um sistema automático de rega!

Falando agora um pouco sobre a situação atual relativa à COVID-19, acha que o mundo terá epidemias e pandemias como a atual mais frequentemente no futuro? Como deve o SNS, e o ensino da Medicina, preparar-se para esse futuro?

Infelizmente, o Mundo sempre teve este tipo de acontecimentos, a nossa memória é que é sempre um pouco curta, abrangendo sobretudo um espaço de uma ou de poucas gerações. Contudo, desde as pestes da Antiguidade e Idade Média, a bubónica ou a varíola, até aos verdadeiros genocídios que foram feitos quando os europeus chegaram às Américas, levando a tuberculose ou importando a sífilis, ou, mais recentemente, a famosa pandemia de gripe pneumónica de 1918, e as epidemias sazonais como as da Influenza, as epidemias e pandemias são algo que, de facto, tem acompanhado desde sempre a humanidade e só com as recentes melhorias sanitárias e o advento das vacinas e dos antibióticos começámos a julgar que as podíamos vir a controlar. Digamos que acontecem quando tipicamente uma população não imunizada contacta com agentes microbianos oriundos de outras populações afetadas ou até, em determinados casos, quando se dá a passagem de vírus ou outros microrganismos de animais para humanos.

Como saberão aliás, a possibilidade deste tipo de pandemia estava até já prevista há cerca de uma década. Tal como outros fenómenos naturais, como os tsunamis, terremotos, erupções vulcânicas, furacões ou mesmo a queda de meteoritos, nós não sabemos, de facto, quando vão acontecer, mas apenas que têm uma certa probabilidade de virem a acontecer, e até mais em certos locais do que noutros. Como um outro terremoto em Lisboa, por exemplo, mais tarde ou mais cedo irá acabar por acontecer, pois já aconteceu uma vez e pelos vistos terá uma dada frequência que rondará algumas centenas de anos. Ou seja, os fenómenos da natureza são, até por definição, naturais. Pensemos até nas alterações climáticas. Não sendo um negacionista, alterações climáticas sempre existiram desde o início do mundo, nos últimos milhões ou mesmo nos últimos milhares de anos, antes até do Homem poder ter tido qualquer papel relevante na sua ocorrência.

Portanto, tudo isto são fenómenos naturais, onde se incluem as próprias pandemias que dependem de toda uma série de fatores ecológicos. Um problema novo é que com os avanços tecnológicos a humanidade poderá também começar a produzir ou a induzir (de forma intencional ou não) os seus próprios fenómenos “naturais” ... É claro que podem não ser muito naturais aqueles mercados na China e não só, na Tailândia e outros países sobretudo asiáticos, aqueles mercados em que se juntam animais selvagens de várias espécies, enfim, o que chamam de “wet markets”, e que, realmente, podem ser mais propícios, obviamente, à propagação de vírus e à propagação de doenças, tal como é uma das hipóteses possíveis para a origem da pandemia do Covid 19...

Enfim, a verdade, tal como a ciência, é algo muito difícil de investigar e de elucidar. Mas temos de o tentar fazer!

Neste contexto, gostaria de aqui fazer uma singela homenagem ao saudoso Professor Joaquim Maia com quem eu comecei a ensinar e a trabalhar, em 1985, no Serviço de Higiene e Medicina Social que ele então dirigia na FMUP. Muitas vezes me lembrei dele nestas últimas semanas, pois acho que ele seria talvez a única pessoa do nosso país que, se estivesse vivo e sabendo verdadeiramente de modelos matemáticos de propagação de epidemias, nos poderia ter dado um bom contributo para o nosso combate sanitário. Certamente que não saberão, mas o Professor Joaquim Maia – que foi também o mestre dos Doutores Henrique de Barros, da FMUP e Guilherme Gonçalves, do ICBAS, responsáveis pelo ensino da Saúde Pública na UP – foi um pioneiro do estudo dos modelos matemáticos de propagação de epidemias. Ele realizou trabalhos de investigação, nos anos 50/60, na Universidade Johns Hopkins, nos EUA, e fez uma publicação que, será uma das primeiras, a nível mundial, descrevendo fórmulas e modelos matemáticos sobre a propagação de epidemias. Mas, infelizmente, o Professor Joaquim Maia não parece ter deixado, pelo menos na minha opinião, continuadores neste nicho muito concreto e específico do saber. Pois nenhum destes três (ou alguns outros colaboradores que teve) se dedicou tão profundamente ao estudo das propagações de epidemias, embora qualquer um de nós tenha tentado continuar, e até com algum sucesso, o seu trabalho nas áreas da Epidemiologia, da Bioestatística ou da Saúde Pública.

Na verdade, a FMUP ou o país não conseguem criar, sobretudo de um momento para o outro, epidemiologistas teóricos ou grandes especialistas no controlo de pandemias, se não existirem já as necessárias condições nas suas academias e centros de investigação. Embora Portugal precisasse, neste momento, muito deles, porque, realmente, praticamente não os tem. Pese ter no terreno, excelentes médicos de Saúde Pública que têm dado o seu melhor na identificação e seguimento de casos infetados. Aliás, gostaria de saber quais serão os especialistas que o governo tem vindo a ouvir. Seria até interessante que vocês os pudessem também vir a entrevistar, indagando até os seus currículos técnicos e científicos e a sua experiência prática no combate a este tipo de epidemias.

Para além de algumas iniciais e breves aparições do Doutor Jorge Torgal e do Dr. Francisco George, a pessoa que tem mais dado a cara neste combate sanitário é a Dr.^a Graça Freitas, diretora da DGS, que, para além da sua enorme dedicação profissional e continuada simpatia e empenho pessoais, parece-me estar quer em termos académicos, científicos ou até políticos, um pouco distante do seu predecessor que esteve à frente do combate à epidemia de gripe pneumónica de 1918. Ele que foi também professor na escola que antecedeu a FMUP, a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, e que depois, por vicissitudes várias, teve que abandonar a sua cidade natal, o Porto, tendo criado, já em Lisboa, o Instituto Nacional de Saúde Pública que agora tem o seu nome, de Ricardo Jorge. Para os que ainda não se aperceberam, temos uma bela estátua sua, em bronze e em tamanho natural, no jardim que a Faculdade partilha com o CHUSJ.

Ou seja, os grandes vultos vão inexoravelmente morrendo, mas, por vezes, não lhes sabemos dar descendência à sua altura e isso é preocupante, bastante sintomático e deveria merecer reflexão por parte das nossas elites dirigentes, sejam elas políticas ou académicas!

Mas voltando à vossa última pergunta, acho que teremos de adaptar o atual sistema e métodos de ensino e não tanto os seus conteúdos programáticos. É claro que se irão acrescentar mais umas linhas às vossas sebatas ou ao vosso estudo. A começar pela vossa seбата de Microbiologia, onde se dizia que os coronavírus não tinham grande interesse patogénico para a humanidade! Na altura, em que foi escrita, isso era certamente verdade. Mas torna-se agora demasiadamente evidente que essas e outras afirmações terão necessariamente de ser alteradas... Mas não será apenas o estudo que irá mudar, incluindo, certamente, um reforço no ensino à distância e na simulação médica ou o reforço do uso de atores, simulando verdadeiros doentes.

“O que terá de mudar, talvez ainda mais profundamente, é a forma como os serviços de saúde irão ser reorganizados e isso poderá vir a ter um grande impacto no ensino.”

O que acho que terá de mudar, talvez ainda mais profundamente, é a forma como os serviços de saúde irão ser reorganizados e isso poderá vir a ter um grande impacto no ensino, por exemplo, na forma como, sobretudo o ensino da propedêutica e da prática clínica, poderão vir a ser realizados.

Pessoalmente, espero também, vir a apoiar a criação, na FMUP, de um grupo de ensino e investigação na área das Políticas de Saúde, pois acho que é fundamental preocuparmo-nos – muito mais do que no passado recente – com as Políticas de Saúde e com a forma como são tomadas decisões em saúde, incluindo a evidência científica que suporta todas essas decisões e as questões éticas de equidade nos acessos e desigualdades na prestação de cuidados de saúde!

Mas, sobre aquilo que vos estava a dizer logo no início da nossa conversa, sobre vocações ou escolhas profissionais, mas afinal o que é que eu acho que sou neste momento? E que se calhar o que fui durante toda a minha vida sem me ter apercebido que o estava muitas vezes a tentar ser, pelo menos ao nível institucional... se calhar serei agora sobretudo um gestor... ou um político!

Não um político partidário, nem um político ortodoxo, fazendo, por exemplo, política como deputado ou como um funcionário do Estado nomeado para qualquer cargo público. Na verdade, eu nunca fui nomeado por nenhum governo ou entidade governamental para fazer rigorosamente nada de natureza política. Todos os cargos de “política” académica que até agora tive foram sempre por eleição. Mas, se calhar, o que eu sinto é a necessidade de me tornar político, cada vez mais. Político, no sentido de poder intervir civicamente e de poder ajudar social e academicamente a comunidade em que estou inserido. E foi com a idade e, sobretudo, com as diferentes experiências profissionais e de vida que fui

tendo, muitas delas razoavelmente difíceis, que veio a desenvolver-se este meu gosto e agora até desiderato, algo tardio.

“Do ponto de vista profissional, sinto que me tenho vindo a tornar, talvez por necessidade, sobretudo um gestor de ciência ou de ensino, ou, se preferirem um político universitário.”

Claro, que eu também tenho toda uma outra área de que também gosto muito, à qual me dedico sempre que tenho um pouco de tempo livre, desde há já muitos anos, que é a área da Arte e da História. Mas isso é toda uma outra história e que por si só mereceria talvez uma outra entrevista. Quem sabe? Talvez num outro dia. Mas, do ponto de vista profissional, sinto que me tenho vindo a tornar, talvez por necessidade, sobretudo um gestor de ciência ou de ensino, ou, se preferirem um político universitário, num bom sentido, espero eu!

Estando a terminar esta entrevista e tendo há pouco mencionado o seu antigo mestre Joaquim Maia, quais foram os outros professores da FMUP que mais o influenciaram ou contribuíram para a sua vida académica?

É uma pergunta difícil pois eu estou grato a muitos mais do que aqueles que aqui poderei recordar e que, desde 1977, se foram cruzando comigo em aulas ou conversas que com eles tive, em bons e maus momentos da minha vida académica. Terei, pois, que fazer uma escolha criteriosa e justa. Assim, evocarei apenas aqueles que já faleceram e que contribuíram, decisivamente, para o que sou hoje como professor, investigador e gestor universitário.

E fá-lo-ei seguindo uma ordem cronológica: a de quem conheci primeiro. E terei de começar pelo Professor Daniel Serrão que conheci ainda antes de entrar para a Faculdade. Até porque fui colega e amigo de dois dos seus filhos. Dele direi que era um homem de fé, um orador extraordinário, com uma inteligência arguta e brilhante. E um amigo. Que, muitos anos mais tarde, percebi que me ajudou, no antigo Instituto Nacional de Investigação (INIC), a conseguir obter a bolsa que me levou a permitir fazer o meu doutoramento no Reino Unido, pois as possibilidades de o fazer em Portugal, em 1989, sobretudo na área científica que pretendia, eram muito escassas. Ou seja, *o Professor Daniel Serrão foi crucial para o início da minha carreira académica, como doutorado, aconselhando-me mais tarde com ele incontáveis vezes, sobretudo quando se me deparava um problema de difícil resolução.*

Embora já tenha falado mais acima nele, não poderei também deixar de o fazer aqui. Refiro-me ao Professor Joaquim da Costa Maia, que conheci primeiro como estudante, em 1981, e depois, já como seu assistente estagiário, em 1985. Dele guardo a memória de um homem extremamente culto, melómano, de saber enciclopédico, com uma memória prodigiosa, uma gentileza cortês e uma educação esmeradíssima. Embora tenha ajudado inúmeros docentes mais novos a doutorarem-se, fazendo-lhes, manualmente, a necessária estatística dos seus dados – o que naquele tempo era para

muitos um autêntico quebra-cabeças, até porque os computadores eram uma raridade e usavam ainda cartões perfurados –, era relativamente mal-amado pelos seus pares catedráticos por velhas histórias dos conturbados tempos do PREC. Mas era um homem bom, muitíssimo bom conversador, e eu perdia-me durante horas a fio a ouvir as suas histórias plenas de sabedoria e ensinamentos. Enfim, um intelectual como hoje são já raros na Universidade. Ou seja, o Professor Joaquim Maia continua ainda hoje a ser o exemplo de universitário que, se tivesse os seus talentos, gostaria de emular.

Depois, gostaria de recordar, agradecendo tudo o que com ele aprendi, o Professor Norberto Teixeira dos Santos. Não era de trato fácil, tinha-se formado em Lisboa e vinha retornado de Lourenço Marques. Por tudo isto nunca teve uma vida facilitada na FMUP. Mas era de uma enorme perseverança e coragem, para além de possuir uma visão estratégica e uma capacidade de inovação e de definição de objetivos alcançáveis, notável. Nunca se dava por vencido e lembro-me bem de uma das suas frases mais icónicas e, aparentemente, paradoxais: “O difícil mesmo é termos um bom plano. Depois é fácil. É só executá-lo”. Conheci-o como aluno de Pediatria, em 1982, e desde aí até à sua morte prematura, em 1999; nunca mais deixámos de ser amigos, tendo inúmeras vezes discutido com ele assuntos de política universitária, por vezes durante horas, talvez até porque poucos tinham entusiasmo e gosto suficiente para o fazer! Ou seja, o *Professor Norberto Teixeira dos Santos ensinou-me muitos dos conceitos e comportamentos que ainda hoje tento aplicar no meu dia-a-dia, sobretudo na área da gestão universitária e na defesa intransigente das nossas convicções.*

Finalmente, o Professor Pinto Machado. Quando o conheci, por volta de 1996, eu estava já doutorado e dirigia então o Serviço de Bioestatística e Informática Médica e ele era o diretor da FMUP. A seu pedido, colaborei em muitas das suas iniciativas, designadamente na definição do que viria a ser um plano de desenvolvimento da Faculdade – que muitos anos mais tarde veio a culminar na construção do CIM – e na organização do 1^o Dia da Faculdade, evento pioneiro na Universidade que pouco tempo depois acabou por ser reproduzido em numerosas outras unidades orgânicas da UP e fora dela. Desse convívio, recordo a sua profunda cultura humanista, a sua generosidade, o seu gosto pela inovação tecnológica (e.g. foi no seu tempo que se iniciou a rede informática da Faculdade e o serviço de e-mails) e uma generosa vontade de ajudar os mais novos a avançarem nas suas carreiras, apoiando de modo entusiástico as suas iniciativas. Ou seja, no seu papel de diretor empenhado e visionário, o Professor Pinto Machado ensinou-me, com o seu exemplo diário, valores cruciais como os da honestidade intelectual, da educação médica e do humanismo cristão – aplicados à gestão de uma Faculdade de Medicina – que, desde então, vou tentando seguir de perto, mesmo sendo agnóstico.

Que conselho gostava de deixar aos seus estudantes no seu futuro profissional?

Eu não posso nem devo aconselhar nada que não tenha entretanto praticado, pois, parafraseando e voltando de novo a Camões, o saber deverá ser de experiência feito. É muito difícil aconselhar coisas

que sejam os outros a praticar de que não tenha conhecimento por mim próprio e que, por isso mesmo, não sinta como credíveis.

A única coisa que vos aconselhava era tentarem ser os mais fiéis possível a vós próprios e à essência da vossa personalidade, tentando de algum modo seguir aquele velho mas muito sábio conselho de Sócrates (o filósofo grego e não o nosso ex-PM...) “Conhece-te a ti mesmo”. Vocês precisam, de facto, de perceber o melhor possível quais serão os vossos talentos, mas, de igual modo, quais serão as vossas limitações. Quais serão os vossos gostos, quais serão as vossas principais motivações e os vossos interesses, mesmo os inconfessáveis. Conhecerem-se o mais possível a vocês próprios e às vossas circunstâncias. E, depois, *não terem medo de ir por caminhos pouco conhecidos ou pouco navegados.*

“A única coisa que vos aconselhava era tentarem ser os mais fiéis possíveis a vós próprios e à essência da vossa personalidade.”

Aliás, eu aprendi logo em miúdo que os caminhos muito conhecidos e óbvios são aqueles para onde conflui todo o rebanho e estes caminhos tornam-se rapidamente demasiadamente lamacentos, porque todos neles vão caminhando, e as pessoas começam a acotovelar-se ou até mesmo a atropelar-se ou, no mínimo, a aborrecer-se umas com as outras. E o Mundo, esse continua a ser grande e não faltarão caminhos alternativos e, se calhar, bem mais promissores.

Ou seja, tentem seguir o vosso próprio caminho. O que é que é esse caminho próprio? É aquele que melhor se adapta a tudo aquilo que eu vos acabei de dizer, à vossa personalidade e às vossas circunstâncias, pessoais, familiares, profissionais, momentâneas ou permanentes. No início poderão até dizer-vos os vossos amigos, ou até os vossos pais: olha parece um tolinho ao ires por aí.

“...tentem seguir o vosso próprio caminho...”

Eu posso-vos contar que o primeiro trabalho académico que fiz na Faculdade de Medicina foi no serviço de Farmacologia e Terapêutica, que naquele tempo era considerado o serviço dos príncipes ou dos eleitos, intelectual e socialmente, era o serviço da elite da Faculdade, do ponto de vista científico, académico e cultural, e o meu mentor na altura era um Senhor, que ainda hoje é vivo e muito ativo, e que é uma pessoa superiormente culta e capaz, o Professor Walter Osswald. Mas, uma vez, cheguei à beira dele e comuniquei-lhe que estava a pensar em concorrer a uma vaga de assistente estagiário que tinha sido aberta no serviço de Higiene e Medicina Social. Este era o segundo pior serviço da Faculdade, só havia um ainda pior, que foi, alguns anos depois, onde acabei por ir parar: o serviço de Biomatemática. Ou seja, naquele momento já algo longínquo de 1984, eu estava a dizer ao meu mentor e professor catedrático do melhor serviço da Faculdade de Medicina do Porto, que estava a pensar

concorrer para o segundo pior serviço, de um total de 35. Portanto, eu comunicava-lhe que era minha intenção descer 34 degraus na escala de *status quo* da Faculdade.

Ora bom, ainda me lembro muito bem desse episódio. Ele fumava habitualmente cachimbo e, naquele momento, ele estava a fumá-lo, tranquila e cheirosamente, mas, por uns breves instantes, o seu cachimbo ficou assim como que parado, como se lhe pudesse vir a cair da sua mão ou da boca. Então ficou tudo assim um pouco no ar, o tabaco a arder, ainda mais lentamente, como se estivesse se o tempo, por um instante, e o seu próprio pensamento estivessem suspensos, talvez porque ele não acreditava ou, sobretudo, não compreendia o que eu lhe estava a dizer ou pior, pretendia fazer. Talvez por lhe parecer um completo absurdo, fruto de não ter pensado nada bem ou não estar nada lúcido. Finalmente, lá me perguntou porque é que eu estava a pensar em tal ideia. Basicamente aquilo que lhe disse, embora as palavras exatas já não as lembre bem, foi, num sentido geral:

“- Professor, aqui, no seu Serviço e Laboratório, eu consigo imaginar a carreira académica e profissional que irei ter no futuro. E consigo imaginar-me, com tempo e dedicação, a ir progredindo, e imaginar tudo o que meu percurso me poderá vir a trazer, e não será certamente pouco. Tanto do ponto de vista de prestígio académico como até de segurança financeira. Em contrapartida, no Laboratório de Higiene e Medicina Social, não consigo imaginar nada. Tudo nele me parece nebuloso, um grande ponto de interrogação ou até mesmo um grande risco! Tudo poderá vir a ocorrer-me: assim-assim, bem, muito bem ou até pessimamente. Ou seja, o caminho que aí irei percorrer fica em aberto. Certamente o risco será maior, mas também o será a aventura. E por isso estou tentado a percorrê-lo, pois a um maior desafio somos também obrigados a dar mais de nós, testando melhor assim tando os nossos limites como o nosso engenho.”

Portanto, com esta história que realmente vivenciei e aqui vos recordei, o que eu vos quero dizer é que há personalidades muito diferentes, ou, como diria a minha saudosa ama, “sempre há tolos para tudo”, mas, hoje e passados já mais de 35 anos, não me arrependo de ter escolhido fazer o percurso que então escolhi. Se, por qualquer circunstância, tivesse escolhido antes ter permanecido no caminho que já estava a percorrer, se calhar poderia até estar melhor, mas nunca se saberá porque nada se consegue verdadeiramente controlar nas nossas vidas. Resta-nos, pois, apenas tentar. E isso, por si só, é já todo um programa de vida!

Acabo com umas palavras, ou melhor, com um conselho que, não sendo meu – mas do Professor Sobrinho Simões –, muito me ajudou a fazer uma outra escolha profissional difícil: se deveria acabar o meu internato de Pediatria no S. João ou se deveria antes dedicar-me, na altura, à Biomatemática, na FMUP:

“A decisão que tomares não é assim tão importante; importante é que venhas a maximizar a decisão que tomares.”

Ou seja, durante a nossa vida, todos acabamos por ter de tomar variadíssimas decisões. A começar desde logo pelos namorados/as que escolhemos ou aceitamos e a acabar em inúmeras outras decisões, de naturezas muito diversas, como as de natureza profissional. Mas o importante mesmo é, depois da decisão tomada, fazermos o melhor possível para que ela resulte bem. E se, mesmo assim, não vier a resultar, teremos, certamente, sempre outras hipóteses de irmos a escolher um outro caminho. Ou seja, de emendarmos a nossa primeira mão!

O que teremos sempre é de tentar ser resolutos, corajosos e estar bem connosco próprios. Porque, se o mundo é bastante grande, a vida pode ser demasiadamente curta, sobretudo para cumprirmos todos os nossos sonhos. Mas, mesmo assim sendo, a maioria das vezes ela é suficientemente longa para, durante pelo menos um bom bocado, sermos úteis e talvez até bastante felizes! Haja bons amigos e bons mestres!

Porto, 21 de maio de 2020